

LITERATURA PÓS-GUERRA: SEQÜÊNCIA OU RECOMEÇO?

*Profª Elise Schmitt**

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é fazer uma análise da literatura alemã e seus autores durante o período nazista e os anos subseqüentes à capitulação da Alemanha. Os escritores devem ser divididos em pelo menos três principais categorias: a dos emigrantes, autores da literatura de exílio; os escritores que permaneceram na Alemanha durante o período nazista, embora muitos deles tivessem suas obras queimadas, e os assim chamados autores da nova geração, que iniciaram sua vida literária após a guerra. Entre os autores exilados estavam os que regressaram à Alemanha e os que não mais voltaram à posteriormente chamada República Federal da Alemanha. Isto gerou uma sensível mudança na literatura alemã. Teria ela passado por um recomeço, levando em consideração a assim chamada Stunde Null (hora zero), como alguns autores a vêem, ou Kahlschagsliteratur (literatura de terra arrasada), assim denominada por Weyrauch, ou seria apenas uma seqüência da literatura da República de Weimar? Neste trabalho, falar-se-á também sobre o gênero Kurzgeschichte (narrativa curta) e seu desenvolvimento durante os primeiros anos pós-guerra, sobre a revista Der Ruf (O chamado) e da formação do Grupo 47.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Alemã, pós-guerra, narrativa(s) curta(s).

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the German literature and its authors during the Nazi period and the subsequent years to the Germany capitulation. The writers must be divided in at least three main categories: the emigrants, authors of the exile literature; the writers who had remained in Germany during the Nazi period, even though many of them had they books burnt, and those called the new generation authors, who had initiated their literary life after the war. Between the exiled authors there were the ones who had returned to Germany and the ones that had not come back later to the caledl Federal Republic of Germany. This generated a sensible change in German literature. It would have passed by a restart, taking in consideration the caledl Stunde Null (zero hour), as some authors see it, or Kahlschagsliteratur (wasted land literature), called this way by Weyrauch, or would it be only a sequence of the Republic of Weimar literature? In this work, is is also be discussed about the Kurzgeschichte short narrative) and its development after the first year post war, about the magazine Der Ruf (The call) and about the formation of the Group 47.

KEYWORDS: German literature, post war, short stories

Como consequência da crise econômica, que surgiu com a queda da bolsa de valores em 1929, nos Estados Unidos, e que se alastrou sobre a economia mundial, o parlamentarismo civil da República de Weimar chegou ao final no início dos anos 30. Em janeiro de 1933 Adolf Hitler foi nomeado Reichskanzler (Chanceler do Reino Alemão).

* Professora de Língua e Literatura Alemã do Curso de Letras-Português/Alemão do Campus da UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon.

Após o encenado incêndio do Reichstag, em fevereiro, um mês após a nomeação, que Hitler atribuiu a seus opositores, mais de 25 000 comunistas, liberais civis, políticos e escritores como Willi Bredel, Anna Sehgers, entre outros, foram presos, autores de esquerda foram mortos em campos de concentração ou morreram por consequência da prisão. Outros só puderam enfrentar a fuga perante a Gestapo – Geheime Staatspolizei (Polícia secreta do Estado). Mesmo assim, muitos esquerdistas ainda não conheciam esta perseguição sistemática como sendo a quebra absoluta com as tradições livres e democráticas, seja com a assimilação de judeus alemães e com a dignidade humana.

Algumas organizações culturais, democráticas de esquerda, entre elas a “União de escritores proletário-revolucionários” ou a “Associação protecionista de escritores alemães” foram dissolvidas ou encaminhadas à *Reichschriftumskammer*, uma espécie de academia de letras do Reich. Em sua lista oficial, chamada de *Liste schädlichen und unerwünschten Schriftums* (lista de literatura ofensiva e indesejada) não constava só a literatura democrática e socialista contemporânea, mas também obras tradicionais, tanto internacionais como de língua alemã, que não se enquadravam ao gosto dos nazistas. Aqueles que editavam ou vendiam estas obras eram castigados. Só autores credenciados pelo RSK-*Reichschriftumskammer* tinham o direito de publicar suas obras. Autores judeus ou meio-judeus estavam proibidos de publicar. Isto significava proibição do exercício da profissão. Os autores que deixavam a Alemanha perdiam a nacionalidade alemã e tinham seus bens confiscados. A proibição de obras de autores judeus também se referia à tradição literária e, quando não era possível excluir uma poesia ou um romance tradicional do patrimônio cultural, ocultava-se a procedência, eliminando o nome do autor. Isto aconteceu com o conhecido poema “Loreley” de Heinrich Heine (1797-1856) que durante o III Reich tornou-se uma canção de autor desconhecido. Os leitores da época, portanto, recebiam nas mãos o que era permitido ler. Tratava-se de literatura demagoga nacionalista, racista e militarista ou aquela que se apresentava em estilo convencional e apolítico. Mas, de um ou de outro modo, também se infiltravam algumas obras esclarecedoras e antifascistas que se escondiam entre capas camufladas de obras inocentes, pois também na Alemanha não se conseguia manipular as mentes de muitas pessoas, o que era mais fácil de se conseguir com o público leitor jovem que havia crescido durante o período da República de Weimar e não tinham o contato com a expressiva literatura humanista, que fazia parte dos livros queimados pelo regime de Hitler. Assim, acabaram por absorver a demagogia da literatura nacional-socialista, com sua glorificação à guerra., o ódio às raças e seu culto ao Führer e ao nacional-socialismo.

Por outro lado, não pode ser ocultado que a RSK, em que se concentravam todos os grupos profissionais vinculados à publicação e

distribuição de literatura, em 1941, possuía 35 000 sócios, entre estes 5 000 escritores.

OS AUTORES DA “EMIGRAÇÃO INTERNA”

Como mencionado anteriormente, muitos autores permaneceram na Alemanha durante o nazismo, mas isto não quer dizer que todos estes tenham se adaptado ao nacional-socialismo. Havia os que já desde 1933 até 1945 estavam proibidos a publicar, pois o que se exigia era uma literatura popular-conservadora ou diretamente nacional-socialista. Como os nacional-socialistas viam no teatro uma propaganda de primeira categoria, este era fomentado e controlado. Já existente na República de Weimar, porém, agora fortificada, era a glorificação às guerras civis e à Guerra Mundial.

Como protótipo para esta tendência dominante, pode ser mencionada a peça “Schlageter” do ex-expressionista Hanns Johst (1890-1978) que no dia 20/08/1933 foi apresentado no “Berliner Staatstheater” para comemorar o aniversário do Führer. O nome da peça corresponde ao nome de Albert Schlageter que por causa de um atentado com explosivos, em 1923, foi condenado à morte pelo exército francês. Schlageter foi estilizado como tipo ideal do heroísmo popular.

No gênero da prosa popular conservadora, destacam-se temas como o império da Idade Média, das guerras dos camponeses, a história da Prússia e as chamadas guerras de libertação, isto é, as guerras de intervenção anti-napoleônicas. Surgiam também livros em forma de romance sobre Hitler e outros, considerados heróis pelo nacional-socialismo, como por exemplo Horst Wessel, que morreu aos 23 anos, vítima de opositores comunistas. Isto conforme a versão do próprio nacional-socialismo. Wessel foi homenageado pelo regime de Hitler, uma vez que uma canção de sua autoria foi cantada sempre após a execução do Hino Nacional.

Também os romances nacionalistas sobre guerra mundial, um gênero surgido já durante a República de Weimar, mas de grande importância para o regime nazista, remetiam a uma preparação para a guerra. Porém, na época, surgiram também conhecidos romances anti-guerra como “Im Westen nichts neues” (Nada de novo no Ocidente) de Erich Maria Remarque (1898-1970).

Com objetivos parecidos aos dos romances de guerra para a propaganda nazista servia-se também de romances de camponeses para exaltar a glorificação de “Blut und Boden” (Sangue e terra). Durante o III Reich também surgiram obras encomendadas como as novelas de rádio, os chamados *Hörspiele*, cujos temas centrais eram tanto históricos como atuais. Mas, por outro lado, o rádio também dava oportunidades, apesar

de limitadas, aos autores não fascistas, como por exemplo Günter Eich (1907-1972), Peter Huchel (1903-1981) e Elisabeth Langgässer (1899-1950, até que, em 1936, esta foi excluída do RSK.

Outros autores de renome da literatura alemã que faziam parte da assim chamada “emigração interna”, que entre 1933 e 1945 se tornaram vítimas da exclusão e proibição, eram Gottfried Benn (1886-1956), Werner Bergengrün (1892-1964), Jochen Klepper (1903-1942), Reinhold Schneider (1903-1958), Rudolf Alexander Schröder (1878-1962) e Ernst Wiechert (1887-1950). O médico, poeta e ensaísta Benn desenvolveu-se de um expressionista iniciante a um escritor bem sucedido que, em 1933 e 34, atraiu a simpatia dos nacional-socialistas, principalmente com suas obras “Der neue Staat und die Intelektuelle” (O Estado novo e os intelectuais) e “Kunst und Macht” (Arte e Poder), antes que ele, desiludido, se recolhesse.

Assim como Benn, com o passar dos anos, mesmo antes de começar a Segunda Guerra Mundial, muitos autores se desvincularam do nacional-socialismo. Entre estes também estão autores de renome como Erich Kästner, Gerhart Hauptmann, (Prêmio Nobel de Literatura em 1912), Ricarda Huch e Hans Fallada. As obras de Fallada mostravam-se como oposição à literatura fiel ao sistema nazista, tanto que em 1938, teve seu Romance “Wolf unter Wölfen” (Lobo entre Lobos) na lista dos indesejados. Outro autor de língua alemã, porém residente desde 1919 na Suíça – país neutro e sem vínculo ao regime – foi Hermann Hesse (1877-1962). Em 1946, Hesse recebeu o Prêmio Nobel de Literatura pelo romance “Glasperlenspiel”, o qual começou a escrever em 1931 e só em 1943 foi publicado em Zurique. Na obra, o autor descreve a aspiração pela verdade. Mas outras obras do autor são mundialmente conhecidas: Der Steppenwolf (O lobo da estepe), Siddhartha, Narziã und Goldmund, Demian, Knulp, entre outras. Também seus aforismos merecem destaque. Em sua obra “Lektüre für Minuten” (1971, p.6) escreve: “Der Aphorismus ist so etwas wie ein Edelstein, der durch Seltenheit an Wert gewinnt und nur in winzigen Dosen ein Genuss ist.” Em 1955 Hesse recebeu o “Friedenspreis des Deutschen Buchhandels” (Prêmio da Paz do Comércio Alemão de Livros) pelas suas obras e críticas escritas durante a época do regime fascista.

Es ist nicht unsere Aufgabe, einander näher zu kommen, so wenig wie Sonne und Mond zueinander, oder Meer und Land. Unser Ziel ist, einander das zu sehen und ehren zu lernen, was er ist: des andern Gegenstück und Ergänzung. (HESSE,1977, p.75)¹

¹ É a nossa incumbência, aproximarmos um do outro, tão pouco como sol e lua se aproximam, ou mar e terra. Nosso alvo é o reconhecimento mútuo, um ver no outro e aprender a honrar o que ele é: a contrapartida e o complemento.

AUTORES ALEMÃES NO EXÍLIO

Com a tomada de posse de Hitler no poder, estava encerrando-se a forma de governo parlamentarista, pois esse não demorou a instalar uma ditadura do Partido Nacional-Socialista. Exatamente 100 dias após a tomada do poder, na capital Berlim e em outras Universidades alemãs foram queimados livros de autores alemães considerados prejudiciais ao povo alemão. No ano de 1947, o historiador literário Alfred Kantorowicz, que também estava no exílio, escreveu o seguinte sobre a queima dos livros:

250 Schriftsteller einer Generation verstummen oder verlassen ihr Land. Man hat dergleichen in geschichtlichen Zeiten noch nicht erlebt, dass nahezu die gesamte qualifizierte Literatur eines Landes sich den Usurpatoren widersetzt. 250 Schriftsteller! Viele bedeutende und bedeutensten, viele berühmte und Weltberühmte Autoren deutscher Zungen unter ihnen. (Apud: BAUMANN e OBERLE, 1985, pág. 218)²

Muitos desses autores saíram da Alemanha e, a princípio, instalaram-se em países vizinhos como a França, Suíça ou Holanda, não longe da divisa com a Alemanha, alguns em casas de amigos, como o caso de Bertolt Brecht e Thomas Mann com família, que conseguiram abrigo na casa de Hermann Hesse. Se ficassem, sabiam que estariam colocando suas vidas em perigo. Mas esperavam que o mais breve possível poderiam voltar para a pátria, assim que esta situação horrenda na Alemanha teria acabado. Porém, não foi isso que aconteceu, pois Hitler conseguiu levar seu regime adiante, e eles tiveram que migrar para mais longe. O regime de Hitler durou até 1945, quando, com a capitulação da Alemanha e o final da Segunda Guerra Mundial, ele pôs fim a sua própria vida no interior de um bunker em Berlim.

Em 1937 Bertolt Brecht escreveu um poema sobre o conceito “emigração”, publicado na revista alemã *Die neue Weltbühne* publicada em Praga:

Über die Bezeichnung Emigranten

Immer fand ich den Namen falsch, dem man uns gab: Emigranten.
Das heiât doch Auswanderer. Aber wir
Wanderten doch nicht aus, nach freiem Entschluss
Wählend ein anderes Land. Wanderten wir doch auch nicht

² 250 escritores de uma geração emudecem ou abandonam seu país. Ainda não se vivenciou algo semelhante nos tempos históricos., que quase toda literatura qualificada de um país se opõe aos usurpadores. 250 escritores! Muitos significativos ou os mais importantes. Muitos autores famosos, ou os de reconhecimento mundial, autores de língua alemã.

Ein in ein Land, dort zu bleiben, womöglich für immer.
Sondern wir flohen. Vertriebene sind wir, verbannte.
Und kein heim, ein Exil soll das Land sein, das uns da aufnahm.
Unruhig sitzen wir so, möglichst nahe den Grenzen
Wartend des Tags der Rückkehr, jede kleinste Veränderung
Jenseits der grenzen beobachtend, jeden ankömmling
Eifrig befragend, nicht vergessend und nicht aufgebend
Und auch verzeihend nichts, was geschah, nichts verzeihend.
Ach, die Stille der Stunde täuscht uns nicht! Wir hören die Schreie
Aus ihren Lagern bis hierher. Sind wir doch selber
Fast wie Gerüchte von Untaten, die da entkamen
Über die Grenzen. Jeder von uns
Der mit zerrissenen Schuhn durch die menge geht
Zeugt von der Schande, die jetzt unser Land befleckt.
Aber keiner von uns
Wird hier bleiben. Das letzte Wort
Ist noch nicht gesprochen.

O poema foi extraído na obra de Baumann e Oberle (1985, pág. 218) e, conforme as autoras, a palavra *Exil* significa uma estadia involuntária num país estranho. Além da França, Holanda e Suíça, os países escandinavos, a Tschoeslováquia e a Rússia ofereciam exílio aos banidos, porém quando, em 1939, começou a guerra, a permanência dos exilados nos países europeus tornou-se mais perigosa. A partir de então, muitos tomaram rumos para mais longe, principalmente para as Américas, como foi o caso de Mann e Brecht que permaneceram por alguns anos nos Estados Unidos, mas ao final da guerra voltaram a Suíça e Berlim Oriental respectivamente.

Abaixo segue uma lista de nomes dos principais autores do exílio e as cidades em que nasceram e morreram e algumas das principais obras com o ano da publicação, também conforme Baumann e Oberle (1985, págs. 229-232). Como não é o objetivo do presente trabalho, e mesmo por falta de espaço, não forneceremos mais dados sobre a biografia dos autores.

BERTOLT BRECHT (1998 em Augsburg – 1956 em Berlim Oriental)

Trommeln in der Nacht (1918/19)
Im Dickicht der Städte (1921-24)
Die drei Groschen Oper (1928)
Geschichten vom Herrn Keuner (1931)
Leben des Galilei (1938/39)
Der gute Mensch von Sezuan (1938-40)
Mutter Courage und ihre Kinder (1939)
Der kaukasische Kreidekreis (1943-45)

ALFRED DÖBLIN (1878 em Stettin - 1957 em Emmendingen, Floresta Negra)

Die Ermordung einer Butterblume und andere Erzählungen (1913)
Berlin Alexanderplatz. Die geschichte von Franz Bieberkopf (1929)
November 1918. Eine Deutsch Revolution. (1948-50)

HERMANN HESSE (1877 em Calw/Württemberg – 1962 na Suíça)
Demian. Die Geschichte von Emil Sinclairs Jugend (1919)
Siddartha. Eine indische Dichtung (1922)
Der Steppenwolf (1927)
Narziã und Goldmund (1930)
Die Gedichte (1942)
Das Glasperlenspiel (1943)
Krieg und Fireden (1946)

HEINRICH MANN (1871 em Lübeck - 1950 na Califórnia)
Im Schlaraffenland. Ein Roman unter feinen Leuten (1900)
Der Untertan (1918)
Die Jugend des Königs Henri Quatre (1935)
Die Vollendung des Königs Henri Quatre (1938)
Ein Zeitalter wird besichtigt (1945)

KLAUS MANN (1906 em München – 1949 em Cannes/França)
Mephisto. Roman einer Karriere (1936)
Der Vulkan. Roman unter Emigranten (1939)

THOMAS MANN (1875 em Lübeck – 1955 na Suíça)
Buddenbrooks. Verfall einer Familie (1901)
Der Tod in Venedig (1913)
Der Zauberberg (1924)
Joseph und seine Brüder – Romantologie (1933-1943)
Lotte in Weimar - Roman (1939)
Doktor Faustos. Das Leben des deutschen Tonsetzers Adrian Löverkühn, erzählt von einem Freunde (1947)

ANNA SEGHERS (1900 em Mainz – 1983 em Berlim Oriental)
Der Aufstand der Fischer von St. Barbara (1928)
Das siebte Kreuz. Roman aus Hitlerdeutschland (1942)
Transit – Roman (1944 em espanhol e 1948 em alemão)
Die Toten bleiben Jung . – Roman (1949)

ERNST TOLLER (1893 em Samotschi, hoje Polônia - 1939 em New York)
Eine Jugend in Deutschland. Autobiographie. (1933)
Briefe aus dem Gefängnis (1935)

FRANZ WERFEL (1890 em Praga – 1945 na Califórnia)
Der Weltfreund. Gedichte (1911)
Nicht der Morder, der Ermordete ist schuldig (1920)
Der Abituriententag. Die Geschichte einer Jugendschuld (1928)

CARL ZUCKMAYER (1896 em Nackenheim - 1977 na Suíça)
Der fröhliche Weinberg (1925)
Der Hauptmann von Köpenick (1931)
Des Teufels General. Drama (1946)
Als wär's ein Stück von mir – Autobiographie (1966)

STEFAN ZWEIG (1881 em Viena – 1942 em Petrópolis/Brasil)
Sternstunden der Menschheit. Fünf historischen Miniaturen (1927)
Brasilien. Ein Land der Zukunft – Essays (1941)
Schachnovelle (1941)
Die Welt von gestern. Erinnerungen eines Europäers (1942)

PÓS-GUERRA - JOVENS AUTORES QUE INICIAM SUA VIDA LITERÁRIA

Em 1945, com a capitulação da Alemanha, a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, e a Alemanha encontrava-se devastada em muitos sentidos, no âmbito sócio-econômico, político e no campo literário, pois os principais autores, como se vê no capítulo anterior, estavam no exílio e bem poucos regressariam à Alemanha, principalmente ao lado Ocidental³. Para que uma reconstrução, em todos os sentidos, desse certo, não se deveria incorrer aos mesmos erros do regime nazista. Faziam-se necessárias muitas mudanças, principalmente na mente das pessoas: novas ideologias que poderiam ser expandidas ao povo alemão, à medida que a literatura se incumbisse disso. Mas para isto a linguagem deveria mudar, pois grande parte do vocabulário era considerado instrumentalizado e contaminado pelas propagandas e mentiras nazistas. Palavras como *Heimat*, *Blut*, *Kamera*, *Held*, *Tapfer*, entre outras, deveriam ser evitadas. (SIELAF, 1992, p.7)

A grande maioria dos escritores que possuíam este objetivo eram jovens, em sua maioria ex-soldados ou prisioneiros de guerra que, em 1945 e 46 regressavam à Alemanha. Para se ter uma idéia, só nos campos de prisioneiros nos Estados Unidos haviam 375 000 prisioneiros de guerra. Tanto que lá foram editadas algumas revistas, em língua alemã, destinadas aos prisioneiros ou adversários de Hitler que lá estavam alojados. O interesse do exército americano em editar estas revistas veio de um

³ A Alemanha, após a Guerra, foi dividida em quatro setores: o lado Ocidental foi dividido entre os três países aliados (Estados Unidos, França e Inglaterra; o lado Oriental foi tomado pela União Soviética). Em 1949, foram criados a República Federal da Alemanha (Ocidental) e a República Democrática Alemã (Oriental).

programa chamado Re-Education, pois já antes do término da guerra pensava-se numa ocupação aliada da Alemanha. Entre estas revistas destaca-se “Der Ruf” (O chamado), editado de 01.03.1945 a 01.04.1946. Nela trabalhavam principalmente antifascistas alemães escolhidos pelos americanos. Entre os redatores estavam Hans Werner Richter, Alfred Andersch e Walther Kolbenhof, mas a redação estava sob constante inspeção do exército americano. Assim, depois de Richter ser proibido de publicar um artigo em que não concordava com a “Kolektivschuldthese”⁴, surgiram diferenças ideológicas entre os redatores alemães e americanos, pois os últimos encontravam-se muito ligados ao rumo conservativo da administração militar americana. Com isso, os redatores alemães adquiriram uma posição de oposição, que mais tarde seria representada na revista *Der Ruf* de Munique, sendo que, em 1946, depois da volta de Andersch e Kolbenhof à Alemanha, lá fundaram uma revista com o mesmo nome. Um pouco mais tarde, com o regresso também de Richter, este assumiu a direção da revista. Em 1962, 16 anos após o surgimento da revista em Munique, Richter comenta:

Sem dúvida, o Ruf, naquela época, era a folha da geração jovem que estava regressando para casa. Esta geração, endurecida, desiludida, acostumado a viver na periferia da existência humana, um inimigo da fraseologia, no entanto começava novamente com grandes esperanças. Sua esperança era uma Europa socialista e unificada. Com esmero lutava-se contra a divisão da Alemanha, não por chauvinismo, mas por estar consciente que uma Europa nova jamais seria possível sobre a base de uma nação dividida. (apud SCHWAB-FELISCH, 1962, pág.8. tradução nossa)

O objetivo da revista era, através de narrativas curtas, o esclarecimento e a educação para uma democracia do povo alemão, que se encontrava por 12 anos sob o regime nazista. Os demais redatores, alguns ex-redatores da *Ruf* americana, outros ainda sem experiência jornalística, mas com a necessidade de “ir ao fundo das coisas”, pois haviam conhecido muito bem a guerra, prisões e fome. Sua intenção era a construção de um Estado humanitário. A revista era editada a cada 15 dias, mas devido às críticas ao governo militar americano e aos autores da “emigração interna”, a quem atribuíam cumplicidade no triunfo de Hitler, ela foi proibida pelo exército americano, após sua 16ª edição em abril de 1947. (FORSTER e RIEGEL, 1995: 37) Richter quis fundar outra revista, que se chamaria *Der Skorpion*, mas que nem chegou a circular por não conseguir transpor alguns obstáculos. Assim, a nova geração de escritores - entre eles H.W. Richter,

⁴ *Kolektivschuldthese*: uma tese defendida pelos americanos de que todos os alemães eram culpados pelos atos cometidos durante o regime nacional-socialista.

A. Andersch, W. Schnurre, H. Ulrich, W. Kolbenhoff, G. Eich e W. Hilbecher - viu-se incumbida a “reaprender a escrever”.

O gênero literário mais usado, e que mais se apropriava para a época, era o de narrativas curtas, embora os poemas também eram uma forma de relatar as experiências passadas por quem voltava da guerra. Como exemplo disso segue o poema de Günter Eich que, naturalmente, expõe suas vivências com a guerra:

INVENTUR (1948)
Günter Eich

Dies ist meine Mütze
dies ist mein Mantel,
hier mein Rasierzeug
Im Beutel aus Leinen.

Konservenbüchse:
Mein Teller, mein Becher,
Ich hab in das Weibblech
den Namen geritzt.

Geritzt hier mit diesem
kostbaren Nagel,
den vor begehrliehen
Augen ich berge.

Im Brotbeutel sind
ein paar wollene Socken
und einiges, was ich
niemand verrate,

so dient es als Kissen
nachts meinem Kopf.
Die Pappe hier liegt
Zwischen mir und der Erde.

Die Bleistiftmine
lieb ich am meisten:
Tags schreibt sie mir Verse,
die nachts ich erdacht.

Dies ist mein Notitzbuch,
dies meine Zeltbahn,
dies ist mein Handtuch,
dies ist mein Zwirn.

Um dos autores mais conhecidos da literatura pós-guerra foi Wolfgang Borchert que com seu drama *Drauën vor der Tür* e narrativas curtas como *Das Brot*, *An diesem Dienstag*, *Nachts schlafen die Ratten doch*, entre outras, tornou-se um dos mais importantes representantes da *Trümmerliteratur* (literatura de escombros), embora, adoecido pela guerra, falecesse em 1947 com apenas 26 anos de idade.

Em relação ao termo *Trümmerliteratur*, em 1952, em seu texto *Bekanntnis zur Trümmerliteratur* Heinrich Böll resume:

Die ersten schriftstellerischen Versuche unserer Generation nach 1945 hat man als Trümmerliteratur bezeichnet. Tatsächlich, die Menschen, von denen wir schrieben, lebten in Trümmern, sie kamen aus dem Kriege, Männer und Frauen in gleichem Maße verletzt, auch Kinder... Wir schrieben also vom Krieg, von der Heimkehr und dem, was wir im Krieg gesehen hatten und bei der Heimkehr vorfanden: von Trümmern. (1952, p [...])

Böll, ao lado de Borchert, um dos principais autores de narrativas curtas dos primeiros anos subseqüentes à guerra diz que o conceito *Trümmerliteratur* foi atribuído com a intenção de derrubá-la, mas que ele e seus conterrâneos da literatura não se opuseram ao conceito pelo fato de esta estar descrevendo fatos que realmente aconteceram e estavam no dia a dia de todos: as pessoas de quem escrevia viviam nos escombros, vieram da guerra: homens, mulheres e até crianças feridas. Eles ainda não viviam na paz, mesmo a guerra tendo acabado. Nada do que os cercava era idílico e, conforme Böll, como escritores, sentiam-se tão próximos que se identificavam com eles. Em 1947, começou a publicar seus primeiros textos e, em 1951, Böll recebeu o prêmio do *Grupo 47*, sendo a partir de então, uma das figuras centrais da nova literatura alemã, tanto que em 1972 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Foi um dos integrantes mais assíduos do Grupo 47, cujos autores estavam preocupados com um novo começo e um novo desenvolvimento da literatura. Em seu ensaio *Bekanntnis zur Trümmerliteratur*, Böll diz que o conceito *Trümmerliteratur* foi atribuído com a intenção de derrubá-la, mas que ele e seus conterrâneos da literatura não se opuseram ao conceito pelo fato desta estar descrevendo fatos que realmente aconteceram e estavam no dia a dia de todos: as pessoas de quem escrevia viviam nos escombros, vieram da guerra: homens, mulheres e até crianças feridas. Eles ainda não viviam na paz, mesmo a guerra tendo acabado. Nada do que os cercava era idílico e, conforme Böll, como escritores, sentiam-se tão próximos que se identificavam com eles. (BÖLL, 1985 p.[...])

Os autores da *Trümmerliteratur*, além de Heirich Böll, Wolfgang Borchert, Günter Eich, já citados, que se destacaram com narrativas curtas foram Wolfdierich Schnurre, Arno Schmitt, Hans Bender, Alfred

Andersch, Elisabeth Langgässer, Marie Luise Kaschnitz e Sigfried Lenz. Estes autores eram também os principais integrantes do Grupo 47 (1947-1967) (Veja texto por nós publicado nos Anais da 7ª JELL em 2004).

Essa nova geração de autores optou pela forma da narrativa curta, *Kurzgeschichte*, por várias razões: Por esta ser visivelmente abrangente, de poucas páginas, facilitando a leitura em pouco tempo, pois devido à situação da época, era muito mais difícil alguém dedicar-se a leituras muito longas como os romances por exemplo. Nem os autores teriam o tempo para escrevê-los, pois o que queriam era escrever algo que pudesse ser lido o quanto antes. Aderiram ao estilo do *Short Story* americano, principalmente de Hemingway e Faulkner, que também já estavam sendo lidos muito na Alemanha pós-guerra. Também a publicação das narrativas curtas era mais favorecida por causa da escassez do papel no período, e elas podiam ser publicadas também em jornais e revistas. Além disso, a *Kurzgeschichte* começa sem muito sentido e repentinamente. Possui, geralmente, um momento tensão, que visa prender o leitor por um lapso de tempo mais ou menos curto e possui um final aberto, o que leva o autor a pensar. (Recomenda-se a leitura do texto “O conto alemão sob forma de *Kurzgeschichte*” publicado nos Anais da 8ª JELL em 2005).

Chega-se a uma Conclusão que, na verdade, não existiu uma “Hora Zero” para a Literatura Alemã; antes poder-se-ia falar de uma grande necessidade de recuperá-la. Caberia, agora, recuperar a literatura já existente do século XX, apesar de que a as obras dos expressionistas e dos escritores dos anos 20 não possuíam uma recepção muito boa, mesmo porque grande parte dela havia sido reprimida, proibida ou queimada pelos nacional-socialistas.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, Bárbara e OBERLE, Birgitta. *Deutsche Literatur in Epochen*. 1ª ed. München: Max Hueber Verlag. 1985

BÖLL, Heinrich. *Bekanntnis zur Trümmerliteratur*. In: Zur Verteidigung der Waschküche – Schriften und Reden – 1952-1959. München: DTV, 1985.

DURZAK, Manfred. *Die deutsche Kurzgeschichte der Gegenwart*. 2ª ed. Stuttgart: Philipp Reclam, jun. 1983.

FORSTER, Heinz e RIEGEL, Paul. *Deutsche Literaturgeschichte - Band 11 – Nachkriegszeit*. 3.ed. München: Deutscher Taschenbuchverlag, 2002.

HESSE, Hermann. *Lektüre für Minuten*. 1ª ed. Frankfurt a.M. Suhrkamp, 1971.

HILZINGER, Sonja. *Exil, Innere Emigration, Nazi-Literatur*. www.xlibris.de/Epochen/Exil Página acessada em junho de 2008.

SCHWAB-FELISCH, Hans.(Editor). *Der Ruf - Eine deutsche Nachkriegszeitung*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1962.

SIELAFF, Andreas. *Die literarische Situation nach 1945* In: *Werkheft - Die deutsche Geschichte nach 1945*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. 1992.